

## Corpo De.Gelo

*Ana Marincek*

O espetáculo De.Gelo, criado por Maurício de Oliveira e interpretado por pela Cia. Maurício de Oliveira e Siameses, foi o primeiro a ser apresentado no projeto Encontros de Dança, realizado no TUCARENA. Com a curadoria de Vanessa Lopes, o teatro TUCA trará uma vez por mês, entre agosto e novembro de 2009, trabalhos contemplados pelo Programa Municipal de Fomento à Dança. A iniciativa busca ampliar o circuito da dança contemporânea, contribuindo com a sua difusão e sua formação de público e, também, promovendo reflexões políticas acerca das questões identificadas nas pesquisas incentivadas.

Nesse primeiro espetáculo, a visão de mundo do criador-intérprete evidencia-se desde o início, não só pela forma da organização do espaço e pela escolha dos figurinos, do som e da luz, mas também pelo modo como os dançarinos entram em cena. A preocupação com o “como”, e não mais com “o que”, será explorada no “aqui e agora” e é um indício de que um entendimento de dança contemporânea tornou-se concreto. Essa coerência fundamental é muito difícil de ser experienciada atualmente por aqueles que acompanham dança, uma vez que é comum os artistas se entenderem contemporâneos, mas continuarem criando suas obras a partir de concepções modernas.

Com uma proposta de movimentação que, à primeira vista, parece simples, os bailarinos vão revelando complexidade nas repetições, aumentando lentamente a qualidade de suas ações, sempre de forma muito precisa. E é neste ritmo que os movimentos vão ganhando amplitude, a tal ponto que, em um determinado momento, quase transbordam no espaço. Três cubos vazados fazem parte dessa ambiência criada pelos artistas. Há um diálogo entre cubos e bailarinos que está constantemente sendo atualizado. Essa cumplicidade contém informações ambivalentes, tal como uma figura de linhas retas que restringe movimentos, mas que, simultaneamente, cria uma relação híbrida no contato com os corpos, ocupando, assim, outro papel e atuando como se fosse mais um personagem em cena.

Durante o espetáculo, fica clara a pesquisa minuciosa da degeneração do corpo durante o processo de envelhecimento. Um corpo que, à primeira vista, se mostra firme e rígido, nos aparece depois quase desfalecido. Sua aparente rigidez se mostra imposta apenas por uma forma externa. Aqui, a ideia de que algo é feito “de gelo” e que pode, portanto, “degelar” - pensando na não-cristalização dos movimentos durante este

processo - traz à cena a possibilidade de desnudar o corpo para explorar sua natureza e seus códigos.

Tendo isso em vista, nos deparamos com a possibilidade de experimentar um recorte no tempo e pensar na própria questão de sua passagem, transportando o público para um lugar incomum. Se assim for, esse é um índice de que a dança não pertence mais aos que a fazem e nem aos que a captam, mas sim ao “entre”: pertence a um limbo que não existe geograficamente, mas que é o lugar mais interessante no qual a contemporaneidade pode se situar. Ou melhor, a dança não pertence mais a lugar nenhum, é um signo que transita, fazendo diferentes conexões com o que encontra em sua trajetória. Com excelência e precisão, a Cia Maurício de Oliveira e Siameses não só encontra esse ambiente, como deixa seu público participar desse deslocamento metafórico incessante.